



“As meninas
são um
serviço
que o posto
tem.”

Pesquisa mostra que a precariedade dos locais de parada e o tempo ocioso à espera da carga são determinantes para a prática da exploração sexual de crianças e adolescentes nas estradas.

Foto: Tatiana Cardeal

Leitura de dados da pesquisa *O Perfil do Caminhoneiro no Brasil*, que serviu como um dos principais subsídios para a criação do **Programa Na Mão Certa**, revelam novas informações qualitativas sobre o comportamento do caminhoneiro em relação à exploração sexual de crianças e adolescentes nas estradas. Tabuladas no primeiro semestre de 2008, as estatísticas mostram que os caminhoneiros envolvidos com esse problema são os que ficam mais tempo parados em filas de carga ou em postos de abastecimento. “Estar parado sem nada pra fazer, sem opção de lazer ou entretenimento, é um fator de risco para o envolvimento do caminhoneiro com o problema”, informa o psicólogo Elder Cereira Santos, um dos responsáveis pela pesquisa.

Contribui, segundo o levantamento, a precariedade dos locais de parada disponíveis para os caminhoneiros: eles não têm nada para fazer quando estacionam o caminhão, seja no posto de abastecimento ou em locais de carga e descarga. “Não há opção de educação, de entretenimento. Muitas vezes o caminhoneiro não tem sequer um chuveiro com água quente”, explica Elder.

Falta de opção

O Perfil do Caminhoneiro no Brasil foi construído a partir de 239 entrevistas realizadas com motoristas de 26 estados do país. A pesquisa, disponível para download no site do **Programa Na Mão Certa**, mostrou dados fundamentais para a compreensão do fenômeno. O objetivo foi conhecer o caminhoneiro e obter dele, entre outras informações, sobre a forma como se relaciona com a temática da exploração sexual de crianças e adolescentes, já que está exposto ao problema em praticamente todas as estradas por onde trafega. Os dados levantados subsidiaram as ações do **Programa Na Mão Certa** e serviram como referência para a criação do **Pacto Empresarial Contra a Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes nas Rodovias Brasileiras** (leia na página 29).

Com a nova tabulação de dados, fica estatisticamente comprovado o que na prática todos sabiam: a ociosidade do caminhoneiro e a falta de opções em locais de parada são um fator fundamental para a exploração sexual de crianças e adolescentes nas rodovias. “O posto de abastecimento é o local de maior risco. Os proprietários precisam mudar sua postura em relação à exploração sexual e oferecer serviços de qualidade para o caminhoneiro”, avalia a responsável pela área de treinamento do Grupo Luft, Joice de Souza Pereira.

As empresas de transportes signatárias do Pacto Empresarial começam a perceber que a sensibilização do caminhoneiro será mais eficiente à medida que eles tenham um ponto de parada adequado, com serviços de qualidade e ações de enfrentamento da exploração sexual. “O caminhoneiro passa muito tempo fora de casa. Ele precisa ter locais de parada que ofereçam condições adequadas”, explica Joice.



Elder Cerqueira,
psicólogo, um dos responsáveis pela pesquisa com os caminhoneiros.

Foto: Papel Social

A Luft, por exemplo, já tem planejada uma ação direta junto aos postos de abastecimento. A empresa vai catalogar todos os postos existentes nas rotas de seus caminhões e optar apenas por aqueles que se empenham no enfrentamento da exploração sexual. “Existem postos que oferecem até mesmo quartos para o caminhoneiro ter relações sexuais com crianças e adolescentes. Esse posto não serve para nosso profissional. Vamos conversar com os donos de postos e sensibilizá-los para a causa”, informa Joice.

O depoimento dos caminhoneiros entrevistados pelos pesquisadores é bastante esclarecedor em relação à responsabilidade dos postos de abastecimento. “As meninas são como um tipo de serviço que o posto tem. Não há nada pra fazer aqui e então não tem como resistir”, diz um dos motoristas. Seu colega segue na mesma linha: “O pessoal sabe que elas estão aqui e sabem que se mandar embora o posto se esvazia, porque nós vamos embora também”.

A reportagem da revista Na Mão Certa questionou dois gerentes de postos de abastecimento. Os dois locais são apontados pela Polícia Rodoviária Federal como pontos vulneráveis à exploração sexual de crianças e adolescentes. O primeiro deles, gerente de um posto

próximo à cidade de Sinop, no Mato Grosso, foi enfático ao se eximir da responsabilidade pelo problema: “Essas meninas estão aí porque querem, porque as mães permitem que estejam aí. Nós, aqui no posto, não temos nada a ver com isso”.

O gerente do outro posto segue na mesma linha: “Não temos nada a ver com isso. Isso é com elas, vai conversar com elas e pergunte por que estão aqui. Nós não obrigamos essas moças a ficar aí a noite toda”.

Responsabilidades

A falta de percepção sobre o problema, o preconceito e a resistência em assumir a responsabilidade pelo que acontece dentro da área do posto serão as principais barreiras a serem enfrentadas no processo de sensibilização dos proprietários de postos de abastecimento. “É fundamental que eles sejam informados sobre o problema e que façam a sua parte no enfrentamento”, comenta a responsável pelo treinamento na Transportes Luft.

Os pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul visitaram dezenas de postos de abastecimento durante a coleta de dados. Sobre os pontos de parada, os profissionais reclamaram, principalmente, da má higiene dos banheiros e da má qualidade da co-

mida. Como as entrevistas foram realizadas nesses mesmos locais, os pesquisadores puderam confirmar “na pele” essas reclamações dos caminhoneiros.

Trata-se de locais sem nenhum conforto para os motoristas, quase sempre muito malcuidados e sujos. Os locais com refeição também se caracterizam por uma comida de baixa qualidade e com preços relativamente altos para o serviço oferecido. Apenas um posto, na cidade de Belém, destacou-se pela organização, limpeza e uma boa estrutura (sala de TV e banheiros limpos). O restaurante, organizado e de boa comida, porém, não era muito bem-visto pelos caminhoneiros, dado o alto preço que cobrava.

Em várias entrevistas, os motoristas denunciaram a convivência dos postos de abastecimento. “Em alguns lugares do Brasil é muito comum. Aqui mesmo, neste posto, o que não falta é menina, é só querer que elas vêm”, disse um caminhoneiro entrevistado em uma rodovia localizada no estado do Pará.

Durante a pesquisa, ficou visível a diferença de postos de gasolina que parecem compactuar com esse tipo de prática e outros que não a aceitam. Os caminhoneiros relataram esse fato, e os próprios pesquisadores verificaram a existência de postos que incluem meninas na sua lista de “serviços” (restaurante, abastecimento, etc.), como um atrativo a mais para os seus clientes. Nesses locais, caminhoneiros acompanhados de suas famílias não costumam parar para pernoitar.

Ociosidade

Não houve por parte dos caminhoneiros nenhum “pudor” ou vergonha em falar da sua vida sexual ou de já terem saído com meninas menores de 18 anos, fato que poderia ser esperado dada a natureza da temática, das questões morais e legais envolvidas. Esse fato, de certa forma, chamou atenção da equipe de pesquisa e pode alertar para a “força” que o fenômeno da exploração sexual de crianças e adolescentes possui. Percebe-se uma naturalização do fenômeno, que quase não provoca

mais espanto entre os caminhoneiros.

Entre os 239 caminhoneiros que participaram da pesquisa, 85 afirmaram que, em algum momento da vida, já tinham feito programas sexuais com meninas ou adolescentes. A fim de identificar semelhanças e diferenças entre esses dois grupos, foram realizadas algumas análises estatísticas.

Verificou-se que não há diferença entre esses dois grupos quanto ao perfil sociodemográfico (idade, estado civil, com filhos ou não e escolaridade). No entanto, no que se refere à caracterização da profissão, verificou-se uma diferença entre os grupos. Os clientes da exploração sexual de crianças e adolescentes são os que passam mais tempo em postos de abastecimento ou em outros pontos de parada esperando a carga (média de 51 horas, enquanto o grupo de não-clientes passa cerca de 39 horas).

Para o grupo de clientes da exploração, a principal parceira sexual quando estão na estrada são as prostitutas (60,5%), seguidas por “parceira eventual” (relação sem caráter comercial 27,4%) e companheira (namorada/esposa), com 11,3% das respostas.

Esses dados indicam que os homens que se declararam clientes da exploração sexual de crianças e adolescentes formam o grupo mais amplo de clientes do comércio sexual em geral (incluindo prostitutas adultas). No que se refere a outras questões sobre o comportamento sexual (relações sexuais/semana quando está em casa, satisfação com a vida sexual, importância do sexo na vida e uso de métodos para evitar Aids e doenças sexualmente transmissíveis - DSTs), também não foi verificada diferença entre os grupos.

Os dados da pesquisa com os profissionais do volante sugerem, portanto, que clientes e não-clientes da exploração relatam uma média semelhante de relações sexuais quando estão em casa, o mesmo nível de satisfação com a vida sexual e de importância geral atribuída ao sexo na sua vida, além da mesma frequência de uso de métodos para evitar Aids e DSTs.

O grupo de clientes da exploração sexual de crianças e adolescentes revelou um maior número de relações sexuais por semana quando estão na estrada (média de 2,29 encontros), se comparado ao grupo de não-clientes (média de 1,43).



Pesquisa com os motoristas foi a maior do gênero realizada no Brasil.

Direitos da criança

Quanto ao conhecimento sobre os direitos das crianças e dos adolescentes, também foi encontrada diferença significativa entre os grupos de caminhoneiros. Aqueles que são clientes da exploração demonstraram menos conhecimento dos direitos das crianças.

Análises estatísticas revelaram, ainda, que o fato de ter o hábito de sair com prostitutas é o mais forte indicador do envolvimento com a exploração. Tal constatação reafirma a idéia de banalização do sexo e da naturalização do uso de serviços sexuais como meio de ter prazer e diversão num ambiente hostil e com poucas possibilidades de lazer. De forma semelhante, o ato de dar carona para crianças e adolescentes está relacionado com o envolvimento como cliente da exploração. Para os participantes da pesquisa, dar carona não parece ser um problema. No entanto, a partir da carona podem utilizar explicações como “ela se ofereceu” ou “não foi um programa, só me agradeceu pela carona”, na tentativa de culpabilizar a criança e minimizar a situação de exploração.

A comparação de outras variáveis sobre o esquema de trabalho (dias por mês na estrada, vínculo fixo de trabalho com empresa ou irregular) entre os grupos não mostrou diferenças significativas. Os dois grupos, portanto, apresentam perfis de “esquema de trabalho” bastante semelhantes.

O fato de o perfil (sociodemográfico e profissional) de clientes e não-clientes ser muito semelhante reforça a idéia de que o envolvimento com a exploração passa também por razões circunstanciais. Nesse sentido, estar parado em um posto “sem nada pra fazer”, sem opção de lazer e entretenimento, se constitui, segundo a pesquisa, num fator de risco para o envolvimento dos caminhoneiros com crianças e adolescentes em situação de cliente da exploração.

Dada a má qualidade dos pontos de parada e a ausência de perspectivas concretas de lazer, levanta-se a necessidade de investimentos na melhoria desses locais e no desenvolvimento de ofertas de lazer para essa categoria. Apesar de os dados do estudo revelar a satisfação dos caminhoneiros com a renda obtida, sobretudo por sua



baixa escolaridade, destaca-se que se trata de uma atividade altamente estressante e limitadora. Esses caminhoneiros vivenciam más condições de trabalho, como estradas

precárias, violência por roubo de cargas e falta de serviços apropriados nos locais de parada. Além disso, são homens que passam grande parte do tempo longe de suas famílias e com uma rede de amigos insólita, caracterizando grandes momentos de solidão.

Dentro desse quadro da realidade profissional, a pesquisa aponta para a necessidade de uma reflexão sobre as atividades exercidas por esses homens em seus momentos de lazer. O “sexo fácil” e o apelo erótico do meio onde convivem contribuem para a vulnerabilização desses profissionais para tornarem-se clientes da exploração sexual de crianças e adolescentes nas estradas. “Não se trata de diminuir a responsabilidade de cada um nessa questão, mas de entender alguns condicionantes desse comportamento, muitas vezes impensado”, avalia o psicólogo Elder Cerqueira.

Atenção ao caminhoneiro

Segundo os autores do estudo, os resultados desse novo recorte da pesquisa *O Perfil do Caminhoneiro no Brasil* ressaltam a necessidade de se evitar a patologização do cliente da exploração, assim como leituras maniqueístas. “É preciso haver uma mudança de pressupostos na forma de encarar o cliente da exploração. Em vez de insistir em rótulos, tais como ‘perversos e pedófilos’, é necessário fazer o desvelamento das realidades econômicas, sociais, culturais e políticas envolvidas, tanto na formação da demanda quanto da oferta do comércio sexual”, comenta Elder.

Torna-se fundamental, diante desses dados, uma participação ativa não apenas do caminhoneiro e das empresas que o contratam. “É preciso quebrar o ciclo de impunidade”, comenta Elder. É aí que entram os proprietários de postos de abastecimento e também as distribuidoras de combustível que detêm as bandeiras adotadas pelos postos. Acabar com a exploração sexual de crianças e adolescentes nas estradas requer o envolvimento de todos os agentes econômicos e sociais. Sensibilizar o caminhoneiro será apenas o primeiro passo.

